

EM BUSCA DO SIGNIFICADO TEOLÓGICO DA “SAGRADA TRADIÇÃO”

*Prof. Dr. Pe. João Paulo de Mendonça Dantas**

Resumo: Tendo em vista a importância da “Sagrada Família” para uma reta compreensão da Revelação cristã, queremos por meio deste artigo, analisar, de modo sucinto, a evolução histórica da compreensão teológica de “Sagrada Tradição” até chegarmos ao ensinamento magisterial sobre esta matéria, contido na Constituição *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II.

De fato, se quisermos compreender corretamente o ensinamento conciliar contido na *Dei Verbum*, devemos, como nos lembrou o papa Bento XVI, utilizar uma hermenêutica da continuidade, que se caracteriza pela capacidade de colher os nexos teológicos entre os textos conciliares e a tradição teológica-magisterial que lhe precede.

Abstract: Given the importance of the “Sacred Tradition” for a correct understanding of the Christian revelation, through this article we want to examine, briefly the historical development of the theological understanding of “Sacred Tradition” to arrive on the magisterial teaching on this matter, contained in the Constitution *Dei Verbum* of Vatican II.

In fact, if we want to properly understand the Council’s teaching contained in *Dei Verbum*, we must, as noted Pope Benedict XVI, to use a hermeneutic of continuity, which is characterized by the ability to harvest the theological connections between the Council’s texts and theological and magisterial traditions preceding it.

Introdução

A Constituição Dogmática *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II afirma que:

“A Sagrada Tradição, portanto, e a Sagrada Escritura relacionam-se e comunicam estreitamente entre si. Com efeito, ambas derivando da mesma fonte divina, fazem como que uma coisa só e tendem ao mesmo fim. A Sagrada Escritura é a palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a Sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos sucessores dos apóstolos a palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos apóstolos, para que, com a luz

do Espírito de verdade, a conservem, a exponham e a difundam fielmente na sua pregação; donde acontece que a Igreja não tira a sua certeza a respeito de todas as coisas reveladas só da Sagrada Escritura. Por isso, ambas devem ser recebidas e veneradas com igual afeto de piedade”¹.

Segundo a visão católica a respeito da fé, para uma verdadeira e perfeita compreensão da Revelação, devemos recorrer não somente à Sagrada Escritura, mas também à Sagrada Tradição. A Sagrada Tradição possui um valor normativo e uma relevância dogmática na medida em que consiste na transmissão divina da Palavra de Deus comunicada oralmente pelos apóstolos aos seus sucessores e a toda a Igreja. O Concílio Vaticano II afirma que a Sagrada Teologia se baseia no fundamento perene da Palavra de Deus, inseparável da Sagrada Tradição².

A partir deste dado teológico, e tendo em vista o fato de que muito católicos desconhecem a essência, a importância e a forma da Sagrada Tradição, propomo-nos, por meio deste artigo, a aprofundar a beleza e a profundidade da história e da doutrina católicas relativas à Sagrada Tradição.

1. A Tradição: um pouco de história

A Sagrada Escritura não afirma que ela seja a única fonte e a testemunha exclusiva da Revelação. Uma afirmação desta natureza não seria possível, pois sabemos que a Bíblia é fruto da inspiração divina e também de uma história que viu a formação dos textos sagrados ser precedida por um processo de testemunho e de transmissão não escrita do Evento Cristo.

Como se sabe, a exegese afirma que o primeiro livro do Novo Testamento – na forma como conhecemos hoje – foi redigido por volta do ano 51³(ou 52) d. C. Isso significa que os apóstolos e a igreja primitiva anunciavam e viviam a Palavra de Deus que lhes foi confiada, antes que fosse colocada por escrito: “*Traditio prior Sanctae Scripturae*”.

A própria Escritura confirma esta precedência de uma transmissão oral da Revelação de Cristo, quando recorda a missão de anúncio que Cristo confiou a seus Apóstolos e discípulos (cf. Mt 28,18-20 e textos

¹ *Dei Verbum* nº 9.

² Cf. *Dei Verbum* nº 24..

³ S. CIPRIANI, *Le lettere di Paolo*, Assisi 1999, 53: “... verso la fine del 51 o agli inizi del 52”. Cf. também M. ORSATTI, *Introduzione al Nuovo Testamento*, Lugano 2005, 252 e R. F. COLLINS, *La prima lettera ai Tessalonicesi*, in: R. E. BROWN- J. A. FITZMEYER- R. E. MURPHY, *Nuovo Grande Commentario Biblico*, Brescia 2002, 1010.

paralelos; Jo 17,18). Paulo nos oferece um texto contundente sobre a importância da transmissão oral da Revelação, que precede a composição do texto escrito do Novo Testamento: “A vós, de fato, transmiti [pare,dwka], antes de mais nada, o que eu mesmo recebi[pare,labor]” (1 Cor 15,3). O apóstolo dos gentios escrevendo ao seu discípulo Timóteo, fala do necessário procedimento de transmissão oral da Revelação, próprio do período apostólico e do período pós-apostólico: “O que aprendeste de mim na presença de numerosas testemunhas, transmite-o [para,qou] a homens fiéis que, por sua vez, serão capazes de ensiná-lo a outros mais” (2 Tm 2,2). Em outro texto encontramos o termo tradição (*parádoxis*): “irmãos, ficai inabaláveis e guardai firmemente as tradições [parado,seij] que vos ensinamos, de viva voz ou por carta” (2 Ts 2,15).

R. Fisichella escreve que:

“Jesus de Nazaré (...) revelador e revelação (...), na Tradição, se torna de novo, sujeito e conteúdo. Ele está na origem histórica na Tradição, a sua pessoa é o conteúdo essencial que deve ser transmitido. O Espírito que na Revelação permitia a Cristo estar em sintonia com o projeto original do Pai, na transmissão da Revelação, se torna o princípio fundamental. Desenvolvimento da Tradição, compreensão do seu significado mais profundo e atualização da sua potencialidade, são obras do Espírito (...) *Kyrios Christós tradit seipsum per apostolum in Spiritu Sancto*”⁴.

L. Scheffczyk recorda que o conteúdo desta Tradição consiste na transmissão da verdade recebida de Cristo, que possui uma dimensão didática e inclui uma série de instruções sobre a fé e os costumes (cf. Ef. 5,21-33). Na carta aos Romanos, lemos que: “a fé vem da pregação, e a pregação é o anúncio da palavra de Cristo” (Rm 10,17). O cristianismo jamais se apresentou somente como uma religião do livro, mesmo consciente do valor essencial da Sagrada Escritura⁵.

O princípio da Tradição foi reconhecido na sua essência no período dos padres apostólicos e apologistas, num período em que, por causa da falta de uma formação conclusiva do cânone, os testemunhos neotestamentários ainda não podiam ser chamados de (a) “Escritura”. A primeira carta de S. Clemente, S. Inácio de Antioquia e S. Justino referem-se ao anúncio oral dos Apóstolos⁶. A Igreja primitiva não considera que o testemunho apostólico se limite aos documentos escritos provenientes

⁴ R. FISICHELLA, *La rivelazione: evento e credibilità. Saggio di teologia fondamentale*, Bologna 1989, 111.

⁵ L. SCHEFFCZYK, *Fondamenti del dogma. Introduzione alla dogmatica*, Città del Vaticano 2010, 115.

⁶ SCHEFFCZYK, *Fondamenti del dogma*, 115-116.

dos apóstolos ou a eles atribuídos. A tradição oral existe antes da Escritura, e esta última surge, de certo modo, para conservar a primeira.

Durante o segundo e o terceiro séculos, se observa uma crescente evolução do conceito de tradição. O princípio da Tradição era válido para S. Irineu (†202)⁷ e a sua luta contra as tradições secretas⁸. Contra os gnósticos, Irineu formula o critério da *regula fidei*, cujo conteúdo coincide com a totalidade da tradição apostólica⁹. Esta não inclui apenas o Querigma, mas se expande até indicar também a interpretação eclesial da Escritura¹⁰. Contra a heresia de Marcião, Irineu apresenta a Escritura e a Tradição como dois momentos para a transmissão do Evangelho; a Tradição (*paradosis*) que, até então, indicava toda a transmissão da revelação, agora significa somente a transmissão oral do ensinamento dos apóstolos.

O quarto e o quinto séculos, marcados pela doutrina dos padres da Igreja e pela celebração dos primeiros concílios ecumênicos determinaram substancialmente o conceito de transmissão da revelação divina. O termo Tradição passará a incluir as explicitações e as interpretações dos Padres da Igreja, concernentes à Sagrada Escritura e à Tradição apostólica. A. Franzini recorda que na época a importância dos Padres era tal, que se desenvolveu o hábito de compilar listas de citações das obras dos Padres, que gozavam de uma autoridade indiscutível, listas que eram lidas até no início de certas sessões conciliares¹¹.

Um monge chamado Vincent de Lerins (†antes de 450) apresentou a Tradição como instância interpretativa da Sagrada Escritura, quando declarou que esta última necessitava de uma atestação eclesial e católica¹². Na sua obra *Commonitorium*, ele ensina que a Sagrada Tradição tem uma natureza divino-apostólica; seu conteúdo é universal, consensual e perene: “*quod ubique, quod semper, quod ab omnibus creditum est*”¹³. “Além da apostolicidade, apareceu como propriedade essencial da

⁷ Cf. H. HOLSTEIN, *La tradition des apôtres chez St. Irénée*, in: *Recherches de Science Religieuse* 36 (1949), 229-270.

⁸ SCHEFFCZYK, *Fondamenti del dogma*, 116. Cf. também J. RATZINGER, *Primato, Episcopato e Successio Apostolica*, in: K. RAHNER-J. RATZINGER, *Episcopato e Primato*, Brescia 2007, 53-57.

⁹ Cf. Y. CONGAR, *La tradizione e le tradizioni*, I, Roma 1964, 45.

¹⁰ FISICHELLA, *La rivelazione: evento e credibilità*, 112.

¹¹ A. FRANZINI, *Tradizione e Scrittura*, Brescia 1978, 71.

¹² *Commonitorium* II, 4, in: *Corpus Christianorum*, series latina 64, 149.

¹³ *Commonitorium* II, 5, 149.

verdadeira tradição, a catolicidade [entendido como consenso sincrônico e diacrônico]"¹⁴.

A Igreja se apresenta consciente do fato de ser portadora de uma mensagem objetiva, mas que pode ser atualizada e interpretada na dinâmica da história¹⁵.

Durante o período da Escolástica, apesar de uma forte adesão à idéia de Tradição ligada aos Padres da Igreja, o conceito de Tradição, enquanto tal, não é muito aprofundado¹⁶.

No período que antecede a "Reforma", se observa uma tendência a identificar uma série de definições e usos eclesiásticos de origem não apostólica, como parte da Sagrada Tradição¹⁷. Lutero se rebela contra aquelas tradições que não são autorizadas pela Escritura, com o escopo de recolocar, segundo ele, novamente em luz o puro evangelho. Mas, posteriormente, evoca o princípio da "sola Scriptura", rejeitando a Sagrada Tradição (Lutero chama a Tradição de um *abusus*, pois se tratava apenas de "estatutos humanos"¹⁸).

"Ao fazer isto, permanece prisioneiro da controvérsia da Idade Média tardia: pois a igreja de seu tempo ameaça esquecer o primado da Sagrada Escritura e subordinar a normatividade material do querigma apostólico à normatividade formal da tradição eclesiástica; a Escritura, em Lutero, torna-se como uma exata contraposição, a única norma material e formal ('Sacra Scriptura sui ipsius interpretres' - 'A Sagrada Escritura é sua própria intérprete')"¹⁹.

¹⁴ H. J. POTTMEYER, *Tradição*, in: R. LATOURELLE- R. FISICHELLA (org.), *Dicionário de Teologia Fundamental*, Petrópolis-Aparecida 1994, 1017.

¹⁵ FISICHELLA, *La rivelazione: evento e credibilità*, 113.

¹⁶ Cf. FISICHELLA, *La rivelazione: evento e credibilità*, 114. SCHEFFCZYK, *Fondamenti del dogma*, 116: "Tommaso d'Aquino sa sicuramente che 'gli apostoli hanno trasmesso molte cose che non sono state scritte nel canone' (In Sent. III d. 9 q. 1 a.2 sol 2 ad 3), ma considera le tradizioni religiose prevalentemente ecclesiali come la venerazione delle icone. Nel fondamento della fede, la Sacra Scrittura assume per antonomasia il ruolo di fonte della fede, in modo che la *sacra doctrina* e la *sacra scriptura* sono messe quasi sullo stesso piano. È conosciuta la questione concernente la Tradizione che p. Es. viene alla luce nell'assegnare la materia della cresima alla *traditio ecclesiae*, come pure le molte parole non scritte che hanno origine *ex familiarum Apostolorum traditione* (S. Th. III q. 64 a. 2 ad 1). Nella questione ottiene una conferma soprattutto l'elemento di autorità della Chiesa. Nell'orientamento biblico-ecclesiale della scolastica, la 'Tradizione' non è ancora divenuta un tema ricorrente".

¹⁷ Cf. POTTMEYER, *Tradição*, 1017. Cf. também Fisichella, *La rivelazione: evento e credibilità*, 115.

¹⁸ Cf. *Confessio Augustana* art. XV, 3.

¹⁹ POTTMEYER, *Tradição*, 1017.

Com o Concílio de Trento, a Igreja se posiciona diante dos ataques dos “reformadores”. O decreto sobre os Livros sagrados e a Tradição (Sessão IV, 8 de abril de 1546) afirma que:

“Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, primeiro promulgou por sua própria boca, e depois mandou que fosse pregado a toda criatura (cf. Mt 28,19-20; Mc 16, 15ss) por meio de seus Apóstolos, como fonte de toda a verdade salvífica e de toda a disciplina de costumes. E vendo o concílio perfeitamente que esta verdade e disciplina estão contidas nos livros escritos e na Tradições que, recebidas pelos Apóstolos da boca do próprio Cristo, ou transmitidas como que de mão em mão (cf. 2 Ts 2,14), pelos próprios Apóstolos, sob a inspiração dos Espírito Santo, chegaram até nós, segundo os exemplos dos Padres de comprovada ortodoxia, com igual sentimento de piedade e igual reverência recebe e venera todos os Livros, tanto os do Antigo como os do Novo Testamento (...) e também as próprias Tradições que pertencem à Fé e à Moral, quer tenham sido oralmente [recebidas] do próprio Cristo, quer tenham sido ditadas pelo Espírito Santo, e, por sucessão contínua, conservadas na Igreja Católica”²⁰.

Esta formulação confirma o fato de que a Revelação não se reduz à Sagrada Escritura. O Concílio oferece uma concepção viva e dinâmica da Revelação, sublinhando o seu aspecto pneumatológico²¹.

Trento supera a contraposição luterana entre Escritura e Tradição, identificando a fonte da Revelação, não em apenas uma das duas, mas no Evangelho²², isto é, no evento Cristo. Ele constitui a garantia da continuidade da Revelação. Escritura e Tradição são entendidas como mediações da única Revelação²³.

O conceito dogmático de Tradição se concentrou sobre a transmissão da fé e da ordem moral. A definição dogmática de Tradição, recorda, antes de mais nada, a sua origem oral, quando diz que: “Jesus Cristo, Filho de Deus, primeiro promulgou por sua própria boca, e depois mandou que fosse pregado a toda criatura (...) por meio de seus Apóstolos, como fonte de toda a verdade salvífica e de toda a disciplina de costumes”. O conceito de Tradição inclui as tradições²⁴ que são de

²⁰ CONCÍLIO DE TRENTO, *Decreto sobre o cânon* (sess. IV – 8.4.1546), in: J. COLLANTES, *A Fé Católica. Documentos do Magistério da Igreja. Das origens aos nossos dias*, Anápolis-Rio de Janeiro 2003, 155-156 (DS 1501).

²¹ LORIZIO, *Tradizione*, 1453.

²² Cf. CONGAR, *Tradizione e tradizioni*, I, 209.

²³ FISICHELLA, *La rivelazione: evento e credibilità*, 118-119.

²⁴ Cf. O uso do plural “tradições” não indica uma diferença em relação à Tradição, cf. SCHEFFCZYK, *Fondamenti del dogma*, 117 (nota 14).

“origem apostólica”, que resguardam “a fé e a moral”, e que “chegaram até nós” “transmitidas como que de mão em mão”.

O texto define também a necessidade da mediação do serviço magisterial na transmissão e na interpretação da inteira Tradição. Fisichella nota que a expressão “*Spiritu Sancto dictante*” é a garantia do agir divino e da inspiração ou interpretação da Tradição, e o “como que de mão em mão até nós” é a garantia da veracidade da Tradição, pois esta se dá na sucessão apostólica²⁵.

Destacamos também o fato de que o decreto conciliar afirma a normatividade da Tradição, pois esta também contém elementos essenciais e normativos para fé e para os costumes.

Por fim, a Tradição deve ser aceita e venerada com a mesma “piedade” e a mesma “reverência” com que aceitamos e veneramos a Sagrada Escritura.

O Concílio Vaticano I retoma literalmente a definição de Revelação, contida “nos livros escritos e nas Tradições não escritas”²⁶.

Na década que precedeu o Concílio Vaticano II, depois da proclamação do dogma da Assunção (1 de novembro de 1950) e da discussão posterior, que resguarda a relação entre a Sagrada Escritura e a Tradição, surgiram três teorias diferentes que trouxeram à tona o tema da Tradição²⁷:

1- Teoria das duas fontes (H. Lennerz): interpretando o Concílio de Trento, esta teoria afirma que a Escritura e a Tradição são duas fontes distintas que transmitem (cada uma, à parte) a Revelação. Nenhuma delas contém toda a Revelação;

2- Teoria da suficiência da Escritura (J. R. Geiselmann): A Escritura transmite a o material da Revelação, a Tradição tem um escopo a explicação-interpretação do conteúdo da Escritura;

Teoria da suficiência relativa da Escritura (J. Beaumer): tentativa de síntese. A Tradição contém de modo formal toda a verdade revelada e a Escritura de modo substancial.

²⁵ Cf. FISICHELLA, *La rivelazione: evento e credibilità*, 119.

²⁶ DS 3006. Cf. também J. R. GEISELMANN, *Tradição*, in: H. FRIES (org.), *Dicionário de Teologia. Conceitos fundamentais da teologia atual* (Vol. V), São Paulo 1971, 353.

²⁷ Cf. FISICHELLA, *La rivelazione: evento e credibilità*, 121-122.

2. A “Tradição” segundo o Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II em continuidade com o Concílio de Trento, apresenta o Evangelho como única fonte de toda verdade salutar²⁸. Declara que a Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura brotam da mesma fonte divina e formam uma unidade orgânica²⁹. L. Scheffczyk nota a importância da influência de J. H. Möhler (século XIX) nesta visão expressa pelo Concílio Vaticano II³⁰.

Segundo Pottmeyer a relação entre a Escritura e a Tradição é apresentada num sentido mais propriamente modal: “na tradição entendida como transmissão da palavra de Deus no ato de expor a Escritura, ‘as próprias Letras Sagradas são mais profundamente compreendidas e se tornam ininterruptamente operantes’ (DV 8)”³¹.

Scheffczyk afirma que se pode definir a Tradição como sendo a transmissão de toda a Revelação divina através do testemunho da Palavra de Deus escrita e dos testemunhos não escritos que, desde o período apostólico, foram transmitidos “como que de mão em mão” até os dias de hoje. Sendo assim, ela não se limita ao “não escrito”, pois depois da fixação por escrito da Palavra de Deus, ela inclui uma série de documentos escritos, como é o caso da literatura dos Padres, de certos textos litúrgicos, das profissões de fé e dos decretos conciliares³².

Os n.ºs 7 e 8 da *Dei Verbum* oferecem uma harmoniosa visão e descrição da Tradição: esta está intimamente ligada à Revelação, pertence à sua economia e participa das suas notas características. Progredindo, em relação ao Concílio de Trento, o Vaticano II acrescenta uma certa determinação relativa ao conteúdo da Tradição: esta é formada pelas palavras, exemplos, comportamentos, decisões, de tudo o que constituiu a relação vital entre Jesus e os apóstolos; de tudo o que os apóstolos aprenderam sob o influxo do Espírito Santo; a Tradição compreende o âmbito da doutrina, da vida (costumes), do culto (incluindo os sacramentos) e do governo moral da comunidade cristã³³.

²⁸ Cf. *Dei Verbum* n.º 7.

²⁹ Cf. *Dei Verbum* n.º 9.

³⁰ Cf. SCHEFFCZYK, *Fondamenti del dogma*, 118-119. Cf. também J. H. MÖHLER, *Simbolica*, Milano 1984, 295-296.

³¹ POTTMEYER, *Tradição*, 1018.

³² Cf. SCHEFFCZYK, *Fondamenti del dogma*, 122.

³³ Cf. FISICHELLA, *La rivelazione: evento e credibilità*, 126 e R. LATOURELLE, *Teologia della rivelazione*, Assisi 1967, 336.

A Constituição também menciona que mediante “a mesma Tradição, conhece a Igreja o cânon inteiro dos livros sagrados”³⁴. Segundo alguns teólogos, esta afirmação conciliar não precisa ser entendida como se apresentasse um conteúdo específico da Tradição (o cânon da Bíblia): “a seleção dos livros canônicos encontra, sim, uma explicação no exame de sua canonicidade contenedora adquirida pela igreja na familiaridade com estes livros”³⁵. Mas, outros defendem que esta formulação, poderia ser interpretada como uma prova da insuficiência material da Escritura³⁶. Como se sabe, nos textos originais da Sagrada Escritura, não se encontra a relação de todos os livros canônicos; ou seja, o elenco dos livros canônicos seria um dado da Sagrada Tradição. Esta teria sido a responsável pelo reconhecimento da inspiração e da canonicidade de cada livro que faz parte da Sagrada Escritura e “chamou” de apócrifos muitos outros escritos que almejavam ser reconhecidos como parte do cânon bíblico.

No final do nº 9 da *Dei Verbum*, lemos que: “resulta assim que a Igreja não tira só da Sagrada Escritura a sua certeza a respeito de todas as coisas reveladas. Por isso, ambas devem ser recebidas e veneradas com igual espírito de piedade e reverência”³⁷. Este texto permite duas interpretações. Se há apenas complementariedade qualitativa (modal) entre os dois canais de transmissão, é normal que a Sagrada Escritura não baste para gerar certeza. Mas o texto, que reprende o Concílio de Trento, pode ser entendido também no sentido: 1- da insuficiência material da Escritura; 2- da confirmação de uma fórmula reivindicada até o fim dos trabalhos conciliares por uma minoria de Padres: “A Tradição tem uma extensão maior do que a Escritura”³⁸. Esta certa ambiguidade de formulação permite legitimar as duas interpretações teológicas, mesmo que a *Dei Verbum* pareça indicar uma complementariedade qualitativa (formal) entre a Escritura e a Tradição.

A relação entre a Tradição e o Magistério da Igreja é tratada no nº 10 da Constituição. O Magistério exerce a sua missão “em nome de Jesus Cristo Senhor”; este Magistério não está acima da Palavra de Deus, mas a seu serviço; o Magistério ensina “apenas o que foi transmitido, enquanto, por mandato divino e com a assistência do Espírito Santo, a

³⁴ *Dei Verbum* nº 8.

³⁵ POTTMEYER, *Tradição*, 1018.

³⁶ B. SESBOUÉ (org.), *História dos dogmas IV – A Palavra da Salvação (séculos XVIII-XX)*, São Paulo 2006, 441.

³⁷ *Dei Verbum* nº 9.

³⁸ SESBOUÉ, *História dos dogmas IV*, 441.

ouve piamente, a guarda religiosamente e a expõe fielmente, haurindo deste depósito único da fé tudo quanto propõe à fé como divinamente revelado”³⁹.

A *Dei Verbum* afirma que a Tradição Apostólica é conservada pela Sucessão Apostólica, mas lembra também que todos os fiéis participam da missão de viver e transmitir a Sagrada Tradição. Sendo a Sagrada Tradição “Evangelho vivo”, anunciado pelos apóstolos na sua integridade”⁴⁰ e transmitido fielmente a seus sucessores (tendo em vista o conservar-se no tempo da Sagrada Tradição), a Igreja afirma que a *traditio* exige a *successio*⁴¹.

J. Ratzinger nos ajuda a compreender a relação intrínseca entre a Sagrada Tradição e a Sucessão Apostólica:

“A palavra na perspectiva do Novo Testamento é uma palavra escutada e, enquanto tal, palavra pregada, não apenas uma palavra lida. Isso significa que, se a *successio apostolica* está na palavra, essa não se limita simplesmente a um livro, mas, sendo uma *successio verbideve* ser uma *successio praedicatum*, esta, por sua vez, não pode acontecer sem uma ‘missão’, ou seja, sem uma continuidade pessoal a partir dos apóstolos. Exatamente por causa da Palavra, que na nova aliança, não é letra morta, mas *viva vox*, faz-se necessária uma *viva successio* (...) Sucessão Apostólica é, segundo a sua essência, a presença viva da Palavra na forma pessoal do testemunho. A ininterrupta continuidade das testemunhas- apóstolos e seus sucessores – no tempo, deriva da essência da palavra que é *auctoritas* e *viva vox*”⁴².

O mesmo teólogo afirma de modo lapidário: “Tradição apostólica e sucessão apostólica se definem reciprocamente. A sucessão é a forma da tradição e a tradição é o conteúdo da sucessão”⁴³.

Não devemos esquecer que o Espírito Santo é o guardião tanto da autenticidade da Sagrada Tradição quanto da sacramentalidade da Sucessão Apostólica.

³⁹ *Dei Verbum* nº10.

⁴⁰ J. A. MÖHLER, *L'unità nella Chiesa. Il principio del cattolicesimo nello spirito dei Padri della Chiesa nei primi tre secoli*, Roma 1969, 51.

⁴¹ Cf. P. GOYRET, *Dalla Pasqua alla Parusia. La successione apostolica nel “tempus Ecclesiae”*, Roma 2007, 358.

⁴² RATZINGER, *Primato, Episcopato e Successio Apostolica*, 59-61.

⁴³ RATZINGER, *Primato, Episcopato e Successio Apostolica*, 58.

3. A contribuição recente de Bento XVI

Em 2006, o Papa Bento XVI, que foi professor de teologia fundamental e de teologia dogmática, ofereceu a toda a Igreja duas catequese sobre a Tradição Apostólica nos dias 26 de abril e 3 de maio.

Na sua primeira catequese, o Papa explica que a Sagrada Tradição garante à igreja de hoje uma continuidade histórica com a fé da igreja primitiva:

“A Tradição é a comunhão dos fiéis à volta dos legítimos Pastores no decorrer da história, uma comunhão que o Espírito Santo alimenta garantindo a ligação entre a experiência da fé apostólica, vivida na originária comunidade dos discípulos, e a experiência atual de Cristo na sua Igreja. Por outras palavras, a Tradição é a continuidade orgânica da Igreja, Templo santo de Deus Pai, erigido sobre o fundamento dos Apóstolos e reunido pela pedra angular, Cristo, mediante a ação vivificante do Espírito: ‘Portanto, já não sois estrangeiros nem imigrantes, mas sois concidadãos dos santos e membros da casa de Deus, edificados sobre o alicerce dos Apóstolos e dos Profetas, tendo por pedra angular o próprio Cristo Jesus. É nele que toda a construção, bem ajustada, cresce para formar um templo santo, no Senhor. É nele que também vós sois integrados na construção, para formardes uma habitação de Deus, pelo Espírito’ (Ef 2,19-22). Graças à Tradição, garantida pelo ministério dos Apóstolos e dos seus sucessores, a água da vida que saiu do lado de Cristo e o seu sangue saudável alcançam as mulheres e os homens de todos os tempos. Assim, a Tradição é a presença permanente do Salvador que vem encontrar-se conosco, redimir-nos e santificar-nos no Espírito mediante o ministério da sua Igreja, para glória do Pai”⁴⁴.

Usando a imagem de um “rio vivo”, o Papa ensina como a tradição deve ser para toda a Igreja uma fonte de vida que nos conduz ao “porto da eternidade”:

“A Tradição não é transmissão de coisas ou palavras, uma coleção de coisas mortas. A Tradição é o rio vivo que nos liga às origens, o rio vivo no qual as origens estão sempre presentes. O grande rio que nos conduz ao porto da eternidade. E sendo assim, neste rio vivo realiza-se sempre de novo a palavra do Senhor, que no início ouvimos dos lábios do leitor: ‘E sabeis que Eu estarei sempre convosco até o fim dos tempos’ (Mt 28, 20)”⁴⁵.

Na segunda catequese o Papa ensina que a Sagrada Tradição é um elemento imprescindível para a fé e a teologia católicas, na medida em

⁴⁴ BENTO XVI, *A comunhão no tempo: a Tradição* (Audiência Geral do 26 de abril de 2006), in: *L'Osservatore Romano* (Edição semanal em Português) n. 17 (1897), 29 de abril de 2006, 12.

⁴⁵ BENTO XVI, *A comunhão no tempo*, 12.

que se constitui um elemento vital para a comunhão da Igreja no decorrer do tempo:

“A Tradição é a história do Espírito que age na história da Igreja através da mediação dos Apóstolos e dos seus sucessores, em fiel continuidade com a experiência das origens. É quanto esclarece o Papa São Clemente Romano nos finais do século I: ‘Os Apóstolos, escreve ele, anunciaram-nos o Evangelho, enviados pelo Senhor Jesus Cristo, Jesus Cristo foi enviado por Deus. Cristo vem, portanto, de Deus, os Apóstolos de Cristo: ambos procedem ordinariamente da vontade de Deus... Os nossos Apóstolos chegaram ao conhecimento por meio de Nosso Senhor Jesus Cristo que teriam surgido contendas acerca da função episcopal. Por isso, prevendo perfeitamente o futuro, estabeleceram os eleitos e deram-lhe, por conseguinte, a ordem, para que, quando morressem, outros homens provados assumissem o seu serviço’ (*Ad Coríntios*, 42.44: PG 1, 292.296).

Esta corrente do serviço continua até hoje, continuará até ao fim do mundo. De fato, o mandato conferido por Jesus aos Apóstolos foi por eles transmitido aos seus sucessores. Além da experiência do contato pessoal com Cristo, experiência única e irrepetível, os Apóstolos transmitiram aos Sucessores o envio solene ao mundo recebido do Mestre”⁴⁶.

Na sua exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* (2010), Bento XVI, após ter recordado o ensinamento do Concílio Vaticano II sobre a relação Tradição-Escritura, escreve, no nº 18, que:

“Através da obra do Espírito Santo e sob a guia do Magistério, a Igreja transmite a todas as gerações aquilo que foi revelado em Cristo. A Igreja vive na certeza de que o seu Senhor, tendo falado outrora, não cessa de comunicar hoje a sua Palavra na Tradição viva da Igreja e na Sagrada Escritura. De facto, a Palavra de Deus dá-se a nós na Sagrada Escritura, enquanto testemunho inspirado da revelação, que, juntamente com a Tradição viva da Igreja, constitui a regra suprema da fé”⁴⁷.

A fé e a teologia católicas não podem prescindir do testemunho da Sagrada Tradição, que é fruto da ação do Espírito do Ressuscitado, guardião da integridade da Verdade na vida da Igreja (cf. Jo 16,13).

*Prof. Dr. Pe. João Paulo de Mendonça Dantas
Doutor em Teologia pela Faculdade de Teologia de Lugano/Suíça
Professor da Faculdade Católica de Fortaleza-FCF

⁴⁶ BENTO XVI, *A Tradição Apostólica* (Audiência Geral do 03 de maio de 2006), in: *L'Osservatore Romano* (Edição semanal em português) n. 18 (1898), 06 de maio de 2006, 12.

⁴⁷ BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, São Paulo 2010, 41.